

ÉTICA DO CONTABILISTA

Segundo o dicionário wikipédia, “a palavra **Ética** é originada do greco *ethos*, que significa modo de ser, caráter. Em Filosofia, Ética significa *o que é bom para o indivíduo e para a sociedade*, e seu estudo contribui para estabelecer a natureza de deveres no relacionamento indivíduo – sociedade”.

A maioria das profissões têm o seu próprio código de ética profissional, cabendo-lhes dispor exclusivamente ao uso próprio profissional. Neste caso, o contabilista, que tem um papel muito importante no desenvolvimento econômico das empresas e das nações, dentro de um cenário globalizado (especialmente com a figura da International Financial Reporting Standard - IRFS), também enquadram sua ação sob a égide de um determinado código.

No dia a dia das nossas atividades vivenciamos situações que nos exige cautela e responsabilidade, especialmente quando, empreendedores e gestores, com visões distorcidas das normas vigentes, esperam que o contabilista desconsidere as referidas normas para maximizar os benefícios pessoais em detrimento do coletivo.

Sob essa perspectiva é importante ressaltar que nossos pensamentos, gestos e palavras influenciam positiva ou negativamente o nosso próximo, especialmente na condição de cliente que contribui para a viabilidade dos nossos negócios. Tal influência, quando inadequada nos remete a situações desagradáveis diante de questionamentos ou mesmo solicitações que contrariam as normas e princípios contábeis. Este é o caso quando se nos colocam diante de pedidos de instituições financeiras, através dos seus gerentes, nos requerendo modificações nas peças contábeis de modo a ajustar os indicadores econômico-financeiros de forma a enquadrar a empresa em alguma linha de crédito ou preferencialmente a que lhe pontue o desenvolvimento da sua carteira de clientes.

Conflitos desta ordem nos remetem a prática de “cuidados especiais” no sentido de preservarmos uma relação comercial saudável. Destarte, nos resta munirmo-nos de argumentos e fundamentos legais e éticos para convencê-los, aqueles gerentes, de que as peças contábeis em questão não dependem deste ou daquele “enquadramento” e sim dos registros das ocorrências econômico-financeiras em livros próprios com base nos procedimentos contábeis estabelecidos pelo Conselho Federal de Contabilidade- CFC, pelo Comitê de Pronunciamento Contábil – CPC, pela Comissão de Valores mobiliários - CVM, etc. Particularmente falo afirmo que, quando ocorre tal fato, este é o momento em que me sinto protegido e amparado mesmo quando a não aceitação desses argumentos pelo nosso próximo qualificado como cliente, o faz desistir da nossa relação comercial e promova a extinção do contrato vigente.

Com efeito, devemos estar atentos e buscar entender melhor essa questão, quando diante de jovens empreendedores e gestores, que ainda não compreenderam que as regras dos negócios nem sempre são convergentes com suas pretensões imediatistas, que se encontram baseadas no que viu ou ouviu de pessoas que lhes antecederam no mundo corporativo, e tomando-as como verdadeiras. Dentro do cenário vivenciado, estes gestores atuam buscando

ajustar esta realidade à empresa não dando devida importância aos fundamentos contábeis que lhe possibilitaria informações válidas para o início, manutenção e futuro dos próprios negócios ora empreendidos.

Aqui vale ressaltar que costumamos ouvir que o Brasil é o país do “jeitinho” onde quase tudo pode ser resolvido com a arrumação daqui ou dali. O que é pior, este conceito faz parte do inconsciente coletivo na acepção de Yong, a ponto de ser considerado como normal. Tais procedimentos, no nosso caso amiúde se expressam assim: “todo contador faz isto...”; ou melhor, “qualquer contador de ponta de esquina faz...”. Destarte, precisamos urgentemente, agora se possível, ignorar este conceito, tanto quanto os procedimentos decorrentes deles, para que nas gerações futuras seja apenas lembrado nas *estórias de contador*. Isto é o que se nos impõe como tarefa moral.

Em síntese, nós contadores somos, em geral formadores de opiniões em potencial. E assumimos, ao colarmos grau, o compromisso não só com a sociedade, mas acima de tudo com nós mesmos, no sentido de contribuirmos para desenvolvimento econômico-social da sociedade.

Ante o exposto, portanto é importante repensarmos em tudo isso, especialmente quando sabemos do nosso papel não só como contabilista, mas como construtores anônimos da felicidade humana. Como dizia Chico Xavier, “Embora não possa voltar atrás e fazer um novo começo. Qualquer Um pode Começa agora e fazer um Novo Fim”.

José Leoncio Delmondes Pereira Freitas
Contador